

## **REV. VALÉRIO SILVA: PARADIGMA DE MINISTÉRIO PASTORAL E VIDA CRISTÃ**

*Alderí Souza de Matos\**

### **RESUMO**

Este artigo trata de um personagem singular do presbiterianismo brasileiro na primeira metade do século 20. Negro, órfão de pai, criado numa família pobre de Salvador, na Bahia, Valério Silva superou as suas circunstâncias e se tornou destacado pregador e o maior evangelista da sua geração. O artigo tem uma natureza essencialmente biográfica e procura resgatar a memória e contribuições desse indivíduo esquecido. Trata dos aspectos mais significativos de sua carreira: anos formativos, preparação para o ministério, atividade evangelística, trabalho pastoral, pregação e escritos, vida espiritual e o ano final. Na conclusão, é feita uma análise das influências recebidas por Valério Silva e de algumas características de sua personalidade e obra.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Protestantismo brasileiro; Presbiterianismo; Bahia; São Paulo; Evangelização; Avivamento; Ministério pastoral; Valério Silva.

### **INTRODUÇÃO**

Numa palestra proferida em 2011, John Piper observou que muitos destacados obreiros cristãos morreram cedo, depois de poucos anos de ministério.<sup>1</sup> Ele menciona Jim Elliot, missionário aos índios no Equador, morto aos 28 anos

---

\* Doutor em Teologia (Th.D.) pela Universidade de Boston; professor de teologia histórica no CPAJ; historiador da Igreja Presbiteriana do Brasil.

<sup>1</sup> PIPER, John. "He kissed the rose and felt the thorn: living and dying in the morning of life – meditations on the life of Robert Murray M'Cheyne". Desiring God Conference for Pastors, 1º fev. 2011. Disponível em: <<https://www.desiringgod.org/messages/he-kissed-the-rose-and-felt-the-thorn-living-and-dying-in-the-morning-of-life>>. Acesso em: 06 set. 2018.

(1956); David Brainerd, missionário entre os índios norte-americanos, aos 29 anos (1747); Henry Martyn, missionário na Índia e na Pérsia, aos 31 anos (1812), e, em especial, Robert Murray M'Cheyne, pastor presbiteriano escocês, falecido aos 29 anos (1843). Normalmente, suas vidas extraordinárias teriam caído no esquecimento. No entanto, eles têm inspirado um número incontável de pessoas ao longo das décadas e mesmo dos séculos. Por que? Pelo fato de que pessoas próximas a eles escreveram e publicaram as suas biografias.<sup>2</sup>

A história do presbiterianismo no Brasil também foi marcada por personagens destacados de vida efêmera, a começar do próprio missionário fundador, Ashbel Green Simonton, falecido aos 34 anos de idade (1867). Seu diário, sermões e outros textos têm impactado muitas pessoas ao longo dos anos.<sup>3</sup> Outro exemplo notável é o Rev. Valério Manoel da Silva, falecido ainda jovem há exatos 80 anos (1938). Ao contrário dos anteriores, sua bela história nunca foi publicada, a não ser em breves relatos de periódicos na época do seu falecimento. Com isso, ele é hoje quase que inteiramente desconhecido.

Afortunadamente, o Arquivo Histórico Presbiteriano, localizado em São Paulo, possui ampla documentação sobre o personagem, o que permite uma detalhada reconstituição da sua vida e obra. Esse material inclui cerca de 75 cartas e cartões enviados por ele a várias pessoas<sup>4</sup>; sua comédia religiosa “A história do Natal”, publicada em 1935; o “Relatório pastoral-evangelístico do campo presbiteriano de Bragança” (1936), com 40 páginas; vários esboços de sermões; materiais de divulgação de campanhas evangelísticas, e uma biografia datilografada de 21 páginas escrita por seu colega de seminário Júlio Andrade Ferreira.<sup>5</sup>

<sup>2</sup> A viúva de Elliot, Elisabeth, escreveu os livros *Through Gates of Splendor* e *Shadow of the Almighty*; a biografia de Brainerd foi escrita por Jonathan Edwards; John Sargent escreveu um relato da vida de Martyn e publicou o seu diário; a história de M'Cheyne foi publicada por seu amigo Rev. Andrew Bonar.

<sup>3</sup> A 1ª edição integral do diário, uma tradução de Daisy Ribeiro de Moraes Barros, filha do Rev. Boanerges Ribeiro, foi publicada em 1982, mas antes disso o Rev. Filipe Landes havia escrito uma biografia de Simonton, em inglês, com base no diário (1956). Na véspera do centenário da Igreja Presbiteriana do Brasil, Maria Amélia Rizzo, uma filha do Rev. Miguel Rizzo Júnior que estudava em Princeton, fez a tradução comentada da parte do diário referente ao Brasil. *Simonton, inspirações de uma existência*. São Paulo: Editora Rizzo, 1962.

<sup>4</sup> Entre os manuscritos sobre Valério Silva existentes no Arquivo Presbiteriano está uma “classificação de assuntos” de sua correspondência, provavelmente feita pelo Rev. Júlio Andrade Ferreira, em sete áreas: oratória e métodos de trabalho evangelístico, assistência pastoral, organização, frutos (conversões, decisões), amizades, sociabilidade e piedade pessoal.

<sup>5</sup> Essa biografia foi publicada pelo jornal *O Puritano* em 1952, sob o título “Valério Silva – o negro evangelista”, nas seguintes edições: 25/04, p. 3; 10/05, p. 3; 25/05, p. 3; 25/06, p. 3; 10 e 25/07, p. 7; 25/08, p. 3. Para esse texto, o Rev. Júlio entrevistou muitas pessoas que conviveram com o Rev. Valério.

Esse jovem pastor presbiteriano marcou profundamente a sua geração. Negro, criado numa periferia humilde de Salvador, na Bahia, Valério abraçou o evangelho ainda na infância e revelou desde cedo uma dedicação incomum às coisas de Deus. Após estudar no Instituto José Manoel da Conceição e no Seminário Presbiteriano de Campinas, foi ordenado pelo Presbitério de São Paulo e trabalhou por breve tempo à frente das igrejas de Bragança Paulista e de Pinheiros, esta última na capital paulista. Destacou-se pela intensidade e reverência com que se dedicou ao ministério pastoral e, em especial, à tarefa da pregação, tornando-se o mais conhecido e eficiente evangelista da sua época. Faleceu aos 37 anos.

A trajetória de Valério Silva é valioso subsídio para uma reflexão sobre a vida cristã e o ministério pastoral. Este artigo analisa o personagem em seis seções. A primeira aborda os seus anos formativos na terra natal e as influências que recebeu. A segunda considera seus estudos em preparação para o ministério em duas importantes instituições de ensino teológico. A terceira descreve sua intensa atividade evangelística em vários estados, bem como os métodos utilizados. A quarta apresenta as características de seu breve, porém fecundo ministério pastoral. A quinta seção aborda alguns traços da sua pregação e escritos. A sexta seção contém algumas considerações sobre sua atitude quanto à vida cristã e o ministério. A sétima parte trata do seu último ano de vida. Finalmente, são feitas algumas considerações sobre a sua vida e contribuições.

## 1. ANOS FORMATIVOS

Valério foi fruto do ministério do Rev. Dr. William Alfred Waddell. Esse influente missionário chegou ao Brasil em 1890 e permaneceu por alguns anos em São Paulo, tendo sido o implantador da Escola de Engenharia do Mackenzie College. Seguiu então para a Bahia, onde se casou em 1897 com Laura Chamberlain, filha do Rev. George Whitehill Chamberlain. Dois anos mais tarde, o casal se fixou em Salvador, onde Waddell pastoreou a igreja presbiteriana local, fundada quase 30 anos antes pelo Rev. Francis J. C. Schneider. Construiu o templo da Rua da Mangueira e deixou a igreja preparada para chamar um pastor nacional. Residiu em seguida em Cachoeira, no Recôncavo Baiano, e por fim na Chapada Diamantina, onde fundou uma célebre escola agrícola em Ponte Nova, atual município de Wagner.<sup>6</sup>

A mãe de Valério, D. Maria do Carmo Silva, foi zeladora da igreja e residiu no pavimento térreo do templo. Seu esposo se chamava Zacarias Pinheiro da Silva e o casal também teve uma filha, Maria Luíza, conhecida como “Mocinha”. O menino nasceu no dia 16 de novembro de 1901 e foi batizado pelo Rev.

<sup>6</sup> MATOS, Alderi S. *Os pioneiros presbiterianos do Brasil*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 131-137; idem, “Instituto Ponte Nova e Grace Memorial Hospital”, *Servos Ordenados*, 37 (abr.-jun. 2013): 29-31.

Waddell aos dois anos, em fevereiro de 1904. Professou a fé aos 14 anos, em 5 de dezembro de 1915, sendo recebido pelo mesmo pastor, de passagem pela capital baiana, visto que em março do ano anterior havia assumido a direção do Mackenzie College, em São Paulo.<sup>7</sup> Desde muito jovem, Valério se mostrou profundamente compenetrado em sua vida espiritual. A mãe o surpreendeu muitas vezes orando de joelhos no terreno dos fundos do templo. Também gostava de memorizar trechos da Bíblia, tendo decorado o livro de Jonas.<sup>8</sup>

Poucas semanas após a profissão de fé, dirigiu pela primeira vez uma reunião de oração na Sociedade do Esforço Cristão. Em 25 de fevereiro de 1917, aos quinze anos, fez sua primeira prédica, na congregação de Peru, no culto da tarde. Preparava com esmero os sermões para o trabalho de evangelização, tendo colaborado com todos os pontos de pregação da época: Peru, Mata Escura, Massaranduba, Pontal de Ilhéus e outros locais. Em 13 de abril de 1919, ao ser eleita a nova diretoria do Esforço Cristão de sua igreja, tornou-se “secretário correspondente”.<sup>9</sup> Fez os estudos primários na Escola Mista Municipal e o secundário no Ginásio da Bahia. Cursou música no Instituto Carlos Gomes, diplomando-se em 1928 em teoria, solfejo, canto e violino.<sup>10</sup> Trabalhou como barbeiro e mais tarde tornou-se professor de música, geografia e outras matérias. Chegou a lecionar História do Brasil no Ginásio São Lourenço, pertencente a um conhecido seu.

Tendo deixado a sede da igreja, a família fixou residência no morro do Abacaxi, no bairro do Cabula. Por iniciativa de Valério, foi fundada ao lado de sua casa, em agosto de 1920, uma escola dominical que foi objeto de manifestações de intolerância. Em certa ocasião, debaixo de um candeeiro, o jovem achou que não escaparia com vida, tal a fúria dos adversários. Aos domingos, subia e descia pelos morros, reunindo crianças. Em 1924, a Classe Daniel, dos jovens, dirigida por ele, criou o jornalzinho “O Danielita”. Como talentoso músico que era, acompanhava os hinos ao som do violino.

Sentia o desejo de ser pastor – e todos os que o conheciam pensavam o mesmo –, mas a carência de recursos fazia com que isso parecesse impossível. O cuidado da mãe viúva e da irmã absorvia todo o seu tempo e recursos. Felizmente, teve o apoio de mãos amigas. O Dr. Waddell o auxiliou a se matricular no recém-criado Curso Universitário José Manoel da Conceição, que ele havia fundado em 1928 em Jandira, nas proximidades de São Paulo. Esse curso pré-teológico, preparatório para o curso de teologia no Seminário de Campinas, se tornaria mais tarde conhecido como Instituto JMC.

<sup>7</sup> GARCEZ, Benedicto Novaes. *O Mackenzie*. 2ª ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2004, p. 179.

<sup>8</sup> FERREIRA, Júlio Andrade. “Biografia de Valério Silva”. Manuscrito, Arquivo Presbiteriano, p. 2.

<sup>9</sup> *O Puritano*, 15.05.1919, p. 6. Essa sociedade tinha seis pontos de pregação em Itapagipe.

<sup>10</sup> Formulário biográfico (1937), Pasta “Ministros”, Arquivo Presbiteriano.

Além do Rev. Waddell, a formação da personalidade e do caráter cristão de Valério foi influenciada pelos pastores subsequentes da igreja de Salvador: Matatias Gomes dos Santos, Harold Charles Anderson, Galdino Moreira, Juventino Marinho da Silva, Sérgio Maranhão e Peter Garrett Baker. Outra pessoa decisiva em sua caminhada foi a mãe, Maria do Carmo, sobre quem escreveu em certa ocasião:

Minha mãe é uma das santas de Deus que eu tenho conhecido nos meus dias. Se fosse possível aumentar a lista de Hebreus capítulo 11, creio que o nome dela entraria em primeiro lugar. É uma das heroínas da fé e da consagração. Tem sofrido alegremente por Cristo e vive realmente Jesus em sua existência.<sup>11</sup>

Em seguida, descreveu o ambiente de profunda piedade que havia no lar e a prática zelosa do culto doméstico.

## 2. ESTUDOS EM JANDIRA E CAMPINAS

Valério foi um dos primeiros estudantes do Instituto JMC, ao qual chegou em 1930, dois anos após a fundação dessa escola. Era uma instituição de instalações modestas, mas com excelente qualidade de ensino. Entre os professores, havia figuras notáveis como William e Laura Waddell, Charles e Evelyn Harper, Roberto Frederico Lenington, Vicente Themudo Lessa e outros mais. Além da sólida formação intelectual, os alunos eram incentivados a desenvolver habilidades de oratória e música, participando ativamente da vida das igrejas. Ainda no ano de sua chegada, em carta datada de 29 de junho, Valério informou que no domingo anterior havia pregado a mais de 70 pessoas na Congregação Presbiteriana Independente do Cambuci sobre o tema “A insuficiência das coisas mundanas para satisfação do coração humano” (Ec 12.8).<sup>12</sup>

Em 1931, foi criada a Caravana Evangélica Universitária, mais tarde denominada Caravana Evangélica de Pregadores, que dava aos estudantes a possibilidade de pregar nas igrejas pelo Brasil afora. Nesse ambiente, o jovem baiano teve amplas oportunidades para desenvolver uma aptidão especial – a de dedicado e eficiente evangelista e avivalista. Dentro de pouco tempo, suas campanhas evangelísticas se multiplicaram e ele se tornou muitíssimo conhecido e requisitado. Em junho de 1931 realizou uma grande campanha evangelística na região de Itapetininga, com muitas decisões, e nos meses seguintes pregou diversas vezes na Congregação Presbiteriana Independente do Ipiranga e na Igreja Congregacional do Brás.<sup>13</sup>

<sup>11</sup> Carta a Leoni e José de Paula Lima (Bragança), enviada de Salvador em 19.11.1937. Arquivo Presbiteriano.

<sup>12</sup> Carta a Manoel Moreira (Salvador), 29.06.1930, Arquivo Presbiteriano.

<sup>13</sup> Carta a Manoel Moreira, 25.07.1931, Arquivo Presbiteriano.

O Instituto JMC tinha surgido com o objetivo de preparar alunos para o Seminário Unido do Rio de Janeiro, um projeto cooperativo liderado pelo Rev. Erasmo Braga. Com o encerramento das atividades do Unido em 1932, o JMC passou a enviar seus formandos para o Seminário Presbiteriano do Sul. Em 1933 seguiu o primeiro grupo para Campinas, composto por Francisco Penha Alves, Paulo Freire de Araújo e Valério Silva. Os demais colegas de turma, procedentes de outras escolas, eram Adiron Justiniano Ribeiro, Jáder Gomes Coelho, Joaquim Alcântara Ferreira dos Santos, Júlio Andrade Ferreira, Mário Silva Teles e Natanael Emmerick.<sup>14</sup> Eles tiveram como professores as figuras notáveis de Herculano de Gouvêa Júnior, Guilherme Kerr, Roberto Frederico Lenington, José Borges dos Santos Júnior, Jorge Thompson Goulart e outros mestres.

Em cartas a uma irmã na fé da Bahia, Valério se refere ao belo entardecer em Campinas, com o céu repleto de andorinhas, e descreve o ambiente do velho seminário da Rua Dr. Quirino. Menciona pregações na Igreja Congregacional do Brás e na Igreja Metodista de Santo Amaro, na capital paulista.<sup>15</sup> Durante os anos de estudo, foi membro da Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo.

A essa altura, a fama de Valério como pregador e evangelista era enorme. No entanto, os colegas e professores ficaram decepcionados com suas deficiências de linguagem, que ele procurou sanar com o passar do tempo. Isso faz lembrar o grande evangelista norte-americano Dwight L. Moody, falecido dois anos antes do nascimento de Valério, cujas problemas com o idioma inglês o acompanharam durante todo o seu longo e frutífero trabalho evangelístico.

Júlio Andrade Ferreira, colega de classe e biógrafo de Valério, diz que ele foi bom estudante, mas não o que poderia ter sido considerando sua inteligência e memória privilegiadas.<sup>16</sup> Precisava dividir o seu tempo de estudos com a preparação das conferências e a manutenção de uma enorme correspondência com familiares, amigos e pessoas alcançadas nas campanhas. Na véspera dos exames, todavia, deixava de lado as outras tarefas e tirava boas notas, superiores à média dos colegas.

Durante esses anos em Campinas, Valério aproximou-se de um casal da igreja presbiteriana independente, Jorge e Alice de Oliveira. Esta senhora se afeixou grandemente a ele, tornando-se a sua segunda mãe e dando-lhe carinhosa assistência. Boa parte das informações sobre a vida pessoal e ministerial de Valério estão contidas nas muitas cartas que enviou a D. Alice e que mais tarde foram doadas por ela ao Arquivo Presbiteriano.<sup>17</sup>

<sup>14</sup> FERREIRA, “Biografia de Valério Silva”, p. 4s.

<sup>15</sup> Cartas a Jovita Leite (Salvador), 07.04.1933 e 19.06.1933, Arquivo Presbiteriano.

<sup>16</sup> FERREIRA, “Biografia de Valério Silva”, p. 5.

<sup>17</sup> Ibid., p. 16.

Em dezembro de 1934, o seminarista fez uma alegre visita à sua terra. Após excelente viagem de navio, encantou-se ao ver a cidade do Salvador – “a mulata gorda” – descansando sobre as colinas e montanhas. Foi recebido no porto por quase 100 pessoas (“o meu povo”) e seguiram para o morro do Abacaxi, entre os laranjais do vale do Cabula. Durante a tarde e até a noite houve culto, poesias, discursos e muita celebração. Ensaiou as crianças para a festa de aniversário da congregação, pregou em muitas igrejas, aconselhou casais, participou das festividades de Natal e Ano Novo, realizou uma grande campanha evangelística.<sup>18</sup>

Valério estava ainda no último ano de estudos quando o Presbitério de São Paulo, reunido em Sorocaba em junho de 1935, pediu-lhe para dar assistência ao vasto campo de Bragança, parte no Estado de São Paulo e parte no sul de Minas, com três igrejas organizadas (Bragança, Atibaia e Cambuí) e 20 pontos de pregação, o que ele passou a fazer nos fins de semana.<sup>19</sup> No fim do ano, deu-se a formatura da turma e, em janeiro de 1936, reunido o presbitério, a Igreja Presbiteriana de Bragança apelou ao concílio para que dispensasse a licenciatura e o ordenasse de imediato, mantendo-o naquele campo ao qual vinha servindo de modo tão competente e zeloso.

### 3. LABOR EVANGELÍSTICO

Desde os dias de estudante no Instituto JMC, Valério Silva dedicou-se de maneira incomum ao trabalho de evangelização por meio de grandes campanhas. Seu biógrafo diz que ele era eloquente e que, ao iniciar uma pregação, sua voz era um tanto fanhosa, mas logo em seguida se tornava clara, mantendo-se firme e sonora por uma hora ou mais.<sup>20</sup> Seu porte robusto, a compleição negra e os dentes alvos e bonitos davam especial realce às suas mensagens. A isso se somava a força da sua grande espiritualidade. Um histórico da Igreja Presbiteriana de Itapetininga declara sobre ele: “No púlpito, transfigurava-se... A cor preta retinta de sua pele resplandecia... Um anjo de luz visitava a igreja, pregando com a unção do Santo Espírito”.<sup>21</sup>

Os números do seu esforço evangelístico são impressionantes. Em maio de 1934, escrevendo à mãe, enviou um mapa de São Paulo e Minas indicando em ordem cronológica somente os lugares em que havia feito “campanhas demoradas”, desde a chegada ao Instituto JMC até o início do segundo ano em Campinas. As doze campanhas foram as seguintes, começando pelo Estado de

<sup>18</sup> Cartas a Alice de Oliveira (Campinas), 09.12.1934, 26.12.1934, 02.01.1935, 11.01.1935, Arquivo Presbiteriano.

<sup>19</sup> Carta a D. Maria do Carmo (Salvador), 22.06.1935, Arquivo Presbiteriano.

<sup>20</sup> FERREIRA, “Biografia de Valério Silva”, p. 4.

<sup>21</sup> MORAES, Ledwar Vieira de; CAMARGO, Lígia Vieira de Moraes. *Um ano de gratidão por um século de bênçãos, 1885-1985*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1987, p. 29.

São Paulo: (1) Conchas, Salgado, Cerquilha, Tietê, Pereiras; (2) Cerquilha, Cruz das Almas, Conchas, Salgado, Sítio de Antônio Machado, Sítio de João Herculano, Pereiras, Maristela, Bicame, Tietê, Sítio de Avelino Dias, Boituva; (3) Tatuí; (4) Guareí e Itapetininga; (5) Conchas, Salgado, Pereiras, Cruz das Almas, Tietê, Cerquilha, Boituva; (6) Rio Claro; (7) Bica de Pedra, Jaú, Dois Córregos, São Carlos, Araraquara, Rincão, Rio Claro, Batovi, Santa Gertrudes, Corumbataí, Itirapina, Bebedouro, Santos, Barretos, Ribeirão Preto; (8) Sorocaba e Votorantim; (9) Itápolis, Borborema, Sertãozinho, Espírito Santo, Novo Horizonte, Itajobi, Pindorama, Catanduva; (10) Santa Bárbara. Seguindo para o Triângulo Mineiro, campo da Missão Oeste do Brasil, realizou conferências em: (11) Ribeirão Preto (SP), Uberlândia, Araguari, Engenheiro Bethout,<sup>22</sup> Monte Carmelo, Patrocínio, Serra do Salitre, Ibiá, Araxá, Carmo do Paranaíba, Arapuá, Cupins, Rio Paranaíba, Lagoa Formosa e Patos. Regressando a São Paulo, realizou mais uma campanha, a 12<sup>a</sup>, em São João da Boa Vista.<sup>23</sup>

Nos anos seguintes visitou Itapetininga, Itapeva, Buri e Itararé, entrando no Paraná. Também esteve em São Sebastião do Paraíso (MG), Salvador, Itapeva novamente, Jaboticabal, Lambari e outros locais. A visita a Lambari impactou profundamente essa igreja do sul de Minas.<sup>24</sup> Seu trabalho era extenuante. Referindo-se à viagem ao Triângulo Mineiro, diz o seu biógrafo: “Em três meses de férias, passou apenas um dia sem pregar por estar no trem, e houve dias de pregar cinco vezes”.<sup>25</sup>

Essas campanhas evangelísticas eram cuidadosamente preparadas para terem o máximo efeito. Havia muita ênfase na oração: além das conferências à noite, realizavam-se reuniões de oração bem cedo pela manhã. Também era escolhido o “hino da campanha”, que acabava memorizado por todos e cantado em toda parte. Até em suas visitas particulares o Rev. Valério cantava esse hino. Outro método era a chamada “Milícia da Salvação”, um corpo de voluntários que acompanhava o evangelista no cultivo devocional, no trabalho

<sup>22</sup> Engenheiro Bethout era uma estação da estrada de ferro no município de Araguari, junto ao Rio Paranaíba, na divisa com Goiás, inaugurada em 1911.

<sup>23</sup> Carta a D. Maria do Carmo, maio de 1934, Arquivo Presbiteriano. Ele descreve essas campanhas em inúmeras cartas à sua segunda mãe, Alice de Oliveira. Por exemplo, em 11.12.1933 (Ribeirão Preto e Uberlândia); 26.12.1933 (Araguari); 26.01.1934 (Eng. Bethout, Araguari); 05.02.1934 (Patrocínio); 22.02.1934 (Arapuá, Carmo do Paranaíba, Cupins, Rio Paranaíba, Lagoa Formosa, Patos). Volta a descrever essa viagem com detalhes em carta a D. Abail Ribeiro, datada de 22.05.1934. Outras cartas que descrevem campanhas, todas dirigidas a Alice de Oliveira, são as seguintes: 17.07.1934 (Itapetininga e Buri); 22.07.1934 (Itapeva e Nova Campina); 28.07.1934 (Itapeva, Itapetininga); 13.10.1934 (São Sebastião do Paraíso); 08, 14 e 24.02.1935 (Santos); 28.02.1935 (Nova Campina, Itararé, Itapeva); 05.03.1935 (Itaberá); 11.01.36 (Jaboticabal); 15.10 e 29.10.1936 (Lambari); 20.10.1937 (Piracicaba).

<sup>24</sup> Valério escreveu várias cartas a duas irmãs dessa igreja, Maria de Souza e Marta de Souza, transcritas em 1950 pelo Rev. Oswaldo S. Emrich, que estava se transferindo do Presbitério Oeste de Minas para a Igreja Presbiteriana de Curitiba.

<sup>25</sup> FERREIRA, “Biografia de Valério Silva”, p. 6.

de evangelização pessoal e na preparação de um ambiente propício para o êxito das campanhas.

Onde não havia coral, Valério procurava organizar um grupo de cantores. Ele reconhecia o valor da música para sensibilizar as pessoas e prepará-las para ouvir a mensagem do evangelho. Também procurava somar os esforços de diferentes denominações, tendo pregado em igrejas batistas, metodistas, congregacionais e presbiterianas independentes. Outro recurso muito utilizado era a visitação durante o dia a interessados, enfermos, autoridades. Quando o pregador chegava a uma cidade, toda a população ficava sabendo da sua presença.<sup>26</sup>

Em carta a D. Abiaíl Ribeiro, esposa do Rev. Renato Ribeiro dos Santos, ele apresenta o programa geralmente observado em cada cidade visitada: 1. Explicação do método a ser utilizado e trabalhos introdutórios à campanha; 2. Série de palestras matutinas diárias aos crentes; 3. Série de palestras de evangelização para o povo em geral; 4. Visitas a autoridades, estabelecimentos públicos e outros; 5. Organização de classes de catecúmenos e ensino da primeira aula.<sup>27</sup>

Havia farta distribuição de convites impressos muito bem elaborados. Para a campanha de Lambari (MG), em outubro de 1936, os dizeres foram os seguintes:

Jesus Cristo deu valor infinito à alma humana. Certa vez disse: “Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma?” Pergunta impressionante e significativa. O Snr. não está de acordo de que o homem deve pensar mais na salvação da alma, por ser questão séria e eterna? Vá ouvir o piedoso servo de Deus Rev. Valério M. Silva que falará, hoje, às 7:30 horas da noite, na Igreja Evangélica, sobre: “A Fascinação do Amor de Cristo”. O Snr. está convidado juntamente com a sua Exma. família.<sup>28</sup>

Outro método interessante era envolver as pessoas com diferentes atividades nos cultos, nas reuniões de oração e nas horas sociais. Ele mesmo fornece um exemplo típico:

Às 11 horas eu fiz o culto de vigília. Foi esplêndido! Eu pedi que os crentes recitassem versículos bíblicos; pedi que cada pessoa levasse no peito uma flor bonita e que a prendesse com alfinete. Após a oração pedi que cada qual oferecesse a sua ao que estivesse mais próximo e todos trocaram suas flores. Foi uma hora solene! Também pedi que cada pessoa levasse um lenço e após as orações de joelhos todos saudaram o ano novo agitando seus lenços no ar, enquanto cantávamos o hino 518. Foi um dia alegre!<sup>29</sup>

<sup>26</sup> Ibid., p. 6s.

<sup>27</sup> Carta a Abiaíl Ribeiro (Catanduva), 22.05.1934, Arquivo Presbiteriano.

<sup>28</sup> Pasta “Valério Silva”, Arquivo Presbiteriano.

<sup>29</sup> Carta a Alice de Oliveira, 26.01.1934. Esse fato ocorreu em Araguari.

Os resultados de tanto empenho eram notáveis. Em Itapetininga, 70 pessoas declararam sua fé em Cristo; em Araguari, 54; em Engenheiro Bethout, 41; em Monte Carmelo, 71; em Patrocínio, 81; em Serra do Salitre, 38; em Arapuá, 20; em Carmo do Paranaíba, 102; em Paranaíba, 50; em Lagoa Formosa, 10; em Itapeva, 120; em Santos, 40; em Ribeirão Preto, 77, e assim por diante. Ferreira pondera:

No litoral sul paulista, no Paraná, em Santa Catarina, como na Sorocabana, ou na Paulista, como em Salvador ou no Triângulo Mineiro, muitos, às dezenas e centenas, foram responsabilizados quanto ao seu eterno destino, como talvez nunca antes ou depois.<sup>30</sup>

Um exemplo notável de conversão ocorreu em Uberlândia: um casal veio de Rio Verde (GO) para assistir no cinema local a um filme falado, novidade na época. Passando pelas proximidades da igreja presbiteriana, ouviram hinos e entraram. O Rev. Valério pregava. Retornaram todas as noites e se converteram, voltando para Goiás exultantes e esquecidos do cinema.<sup>31</sup>

#### 4. MINISTÉRIO PASTORAL

Como foi mencionado, em junho de 1935, quando Valério fazia o último ano do curso de teologia, o Presbitério de São Paulo colocou sob seus cuidados o vasto campo de Bragança. Essa cidade havia começado a receber a visita de pregadores presbiterianos em 1865, mas a igreja só foi organizada em março de 1927. Escrevendo à mãe, ele observou que os crentes eram poucos e a escola dominical desanimada, acrescentando: “Todavia, terei muita oportunidade para desenvolver o trabalho... A cidade é por excelência católica, sede de bispado, onde é difícil um tanto a evangelização. Mas não há trabalho difícil onde há o Espírito de Jesus”.<sup>32</sup>

Os principais pontos de pregação eram os seguintes: ligados à igreja de Bragança – Joanópolis, Arraial, Curitibanos, Bandeirantes e Piracaia; ligados a Atibaia – Portão e Jarinu; ligados a Cambuí, cuja sede ficava na Serra dos Protestantes – Bairro dos Ferreiras, Cambuí, Vargem do Paiol, Camanducaia, Roseta, Fazenda Pereira Dias e Sertão dos Lopes. Em dezembro de 1935, promoveu grande “Campanha de Reavivamento Espiritual”, com bonito programa impresso contendo informações e hinos.

Sua ordenação se deu em 29 de janeiro de 1936, na Igreja Presbiteriana da Bela Vista, em São Paulo. Assumiu efetivamente o pastorado da igreja de Bragança em 8 de março, após uma viagem a Santa Catarina. Instalou seu escritório numa sala alugada na rua Coronel Teófilo Leme, 155. O templo estava

<sup>30</sup> FERREIRA, “Biografia de Valério Silva”, p. 8.

<sup>31</sup> Cartas a Alice de Oliveira, 26.01.1934, e Abail Ribeiro, 22.05.1934, Arquivo Presbiteriano.

<sup>32</sup> Carta a D. Maria do Carmo, 22.06.1935, Arquivo Presbiteriano.

localizado na Praça Jacinto Domingues. Em carta após carta à mãe campineira, fala sobre os cultos, as muitas recepções de pessoas por profissão de fé, visitas a igrejas e congregações, e outras atividades. Numa das cartas, transcreve belas palavras de encorajamento recebidas de D. Maria do Carmo.<sup>33</sup>

Em seu relatório pastoral referente a esse ano, incluiu o plano de ação implantado desde o início, com quatro itens: criação de uma nova mentalidade cristã, aumento em espiritualidade, organização e reajustamento, inspiração para o trabalho evangelístico. Acrescentou: “Resumindo o programa de ação em uma frase: reavivamento da vida e dos ideais de Cristo no coração da igreja”.<sup>34</sup> A partir de outubro desse ano, começou a enviar cartas de orientação e incentivo a Vernardina Acedo, jovem que havia se convertido recentemente e que ele esperava se tornasse uma missionária depois de estudar em Piracicaba.

Nesse primeiro ano do seu pastorado, deu prioridade à sede, embora tenha feito quatro visitas a todo o campo, apesar das deploráveis condições das estradas e caminhos. Para o melhor atendimento dos pontos de pregação, utilizou o trabalho de seminaristas como Wilson Fernandes e Davi Azevedo. Em junho recebeu a visita do Rev. Vicente Themudo Lessa, seu antigo professor no Instituto JMC.<sup>35</sup> Também convidou para ir a Bragança uma culta e piedosa conferencista de Campinas, professora Elizabeth Nunes, para uma campanha de reavivamento e evangelização da qual resultaram muitas conversões.<sup>36</sup> Valério preparou cuidadosamente o terreno para a chegada dessa oradora por meio de reuniões de oração diárias, hinos apropriados e convites cuidadosamente impressos. Um dos resultados dessa campanha foi a criação da “Associação Cristã da Mocidade”, que envolveu boa parte da igreja num amplo programa de atividades.

Embora ele tenha feito nesse ano três grandes viagens evangelísticas – a Juquiá e Iguape, no vale do Ribeira; a Florianópolis e litoral de Santa Catarina, e a Lambari, no sul de Minas – atuou em Bragança de modo nunca visto, daí resultando 36 profissões de fé. Ingressou na maçonaria, da qual se tornou orador, e manteve amplo contato com a população da cidade. Quando os ex-padres Rafael Gioia Martins e Emídio Pinheiro realizaram conferências e as mães do colégio local tentaram interferir, Valério e o presbítero Mário Grisolli<sup>37</sup> tomaram providências junto às autoridades.<sup>38</sup>

<sup>33</sup> Carta a Alice de Oliveira, 27.05.1936, Arquivo Presbiteriano.

<sup>34</sup> SILVA, Valério M. *Relatório pastoral-evangelístico do campo presbiteriano de Bragança* (1936), p. 8. Arquivo Presbiteriano.

<sup>35</sup> LESSA, Vicente T. “Atibaia e Bragança”. *O Estandarte*, 21.08.1936, p. 5.

<sup>36</sup> Numa carta de 14.07.1936 ele expressa a sua profunda admiração pelas qualidades e o trabalho dessa conferencista.

<sup>37</sup> O autor deste artigo teve o privilégio de ser pastor, em Curitiba, do Sr. Mário e D. Conceição Grisolli, já idosos, antigas ovelhas do Rev. Valério Silva em Bragança.

<sup>38</sup> FERREIRA, “Biografia de Valério Silva”, p. 14.

Aplicou em Bragança o mesmo método utilizado nas conferências evangelísticas em outros locais, esforçando-se para não deixar nenhuma pessoa da igreja sem alguma responsabilidade: organizou concursos, fazia perguntas curiosas para serem respondidas na reunião seguinte, pregava sermões expositivos e escolhia temas ligados às ocasiões especiais. Organizou a mocidade, a infância e a “Milícia da Salvação”. A Associação Musical tinha duas seções: uma vocal, chamada Orfeão Cantor Azafe, e outra instrumental, Orquestra Rei Davi, com esmeradas pastas para os coristas. Formou um coro infantil e publicou um bom jornal, “A Mocidade”.<sup>39</sup> De tudo isso, resultou o sensível fortalecimento daquela igreja.

Em novembro de 1937, fez sua última viagem à terra natal, a bordo do navio Almanzora. Regozijou-se com o novo templo da congregação do Abacaxi, fundada por ele, e com as recordações que esse local evocava. Ensinou as crianças; recebeu visitas que tomavam toda a tarde, estendendo-se até a noite; pregou na Igreja Presbiteriana da Bahia, nas congregações do Abacaxi, Jacaré e Lapinha, e no Ginásio Americano, precursor do Colégio 2 de Julho. Participou da banca de exames da Escola Betel, seguida de um longo programa religioso e recreativo. Seus antigos colegas do Ginásio da Bahia, agora professores e médicos, foram ouvir suas conferências. Regressou a São Paulo levando a irmã carente de tratamento médico e repouso.<sup>40</sup>

Apesar do seu grande envolvimento com o ministério pastoral e evangelístico, Valério também dedicava atenção ao elemento lúdico e à boa diversão. Suas cartas contêm inúmeras referências a atividades recreativas com crianças, jovens e adultos. Na final de muitas de suas campanhas, ele era homenageado com festividades prolongadas e sentia prazer nisso. Com bom baiano e músico, valorizava a cultura popular, as canções e os ritmos. Era apreciador e incentivador da uma sadia celebração da vida.<sup>41</sup>

## 5. PREGAÇÃO E ESCRITOS

Valério era dotado de um espírito metódico e ordeiro. O Rev. Themudo Lessa impressionou-se com o fato de que ele era muito meticuloso em suas atividades, utilizando fichas para os mais diferentes propósitos e mantendo

<sup>39</sup> Ibid.

<sup>40</sup> Cartas a Leoni e José de Paula Lima, 19.11.1937; Alice de Oliveira, 29.11.1937; Leoni Lima, 15.12.1937.

<sup>41</sup> Em carta a Alice de Oliveira (28.07.1934), descrevendo uma homenagem que recebeu em Itapeva até a madrugada: “A festa foi esplêndida! Música, diálogos, poesias e brincadeiras até às três e meia”. Em 02.01.1935, descrevendo a volta da igreja na noite do Ano Novo, em Salvador: “Cantamos durante todo o trajeto do bonde. Imagine! Cem moços e moças a cantar com a alma cheia e o coração jubiloso, que santa folia cristã!” E um pouco adiante: “Brincamos das 3 e 20 da manhã até as 4 horas da tarde!” Outra festa divertida em Salvador, até com “sambas”, é descrita em carta a Leoni Lima, em 15.12.1937.

uma biblioteca muito bem organizada.<sup>42</sup> Era muito criterioso no que diz respeito à pregação, a começar da exegese dos textos. Em um artigo sobre curas miraculosas, o Rev. Teófilo Carnier menciona a interpretação equilibrada dada por Valério à passagem controversa de Tiago 5.14.<sup>43</sup> O evangelista escolhia cuidadosamente os títulos de suas mensagens. Na “campanha de avivamento espiritual” realizada em Florianópolis em 1936, os temas foram os seguintes: (1) O cultivo do espírito, (2) A realidade da religião, (3) Cristo o maior problema dos séculos, (4) Uma extraordinária declaração, (5) A fascinação do amor de Cristo, (6) Perigos da indecisão, (7) Angústia da decisão e (8) A consciência do dever. Num dos convites contendo esses temas, Valério anotou: “Houve 75 decisões e entre elas um médico genro do presidente do Estado”.<sup>44</sup>

Os poucos sermões preservados de Valério revelam disciplina, estudo e reflexão. O Arquivo Presbiteriano possui três deles, cada qual num envelope com o título impresso “Sermão Completo” e espaços para colocar o número do sermão, tema, texto, hinos, leitura, livros consultados e preparação. Estão escritos com letra miúda em folhas pequenas, frente e verso, somando um bom número de páginas. São eles: “A verdadeira atitude da alma em face do infinito (Os 2.23; 11p.); “Um esquecimento fatal e o despertar de Deus” (Dn 2.5; At 2.4; 9 p.) e “Origem da religião” (Hb 1.1; 16 p.). Impressiona nesses materiais a quantidade de citações e ilustrações retiradas de um bom número de livros, bem como a riqueza da estrutura e argumentação.

No sermão “Um esquecimento fatal”, Valério começa falando do grande perigo que o ser humano corre por estar esquecido ou inconsciente da realidade do pecado. Utilizando o apelo de Pedro no Pentecostes: “Salvai-vos desta geração perversa” (At 2.40), argumenta sobre o conceito bíblico do pecado, contrastando-o com as concepções modernas. A seguir, destaca Jesus Cristo como a expressão suprema do bem, diante do qual o ser humano percebe a sua verdadeira condição. Por fim, mostra como todos necessitam do poder transformador de Cristo para serem libertos da sua situação de miséria espiritual. Ao longo de todo o sermão, procura interagir com o pensamento da sua época, apresentando os argumentos céticos e respondendo às objeções, valorizando assim a inteligência dos seus ouvintes.

Valério Silva encarava a vida cristã e o ministério pastoral com grande responsabilidade e reverência. Em 1952, Nelson Lacerda, um pastor metodista que o conheceu, deixou um testemunho valioso sobre ele.<sup>45</sup> Falando sobre os seus métodos de estudo, declarou:

<sup>42</sup> LESSA, Vicente T. “Rev. Valério Silva”. *O Estandarte*, 11.12.1938, p. 3.

<sup>43</sup> *O Puritano*, 25.04.1953, p. 6.

<sup>44</sup> Pasta “Valério Silva”, Arquivo Presbiteriano.

<sup>45</sup> Carta de Nelson Lacerda a Júlio Andrade Ferreira, 18.03.1952, Arquivo Presbiteriano.

Era estudioso e organizado: seus livros eram lidos e anotados marginalmente; seu fichário era abundante de material; seus sermões muito bem preparados. Ele preparava os sermões, após, estudava-os em voz alta, e de instante a instante, interrompendo a leitura do sermão, punha-se em oração silenciosa.

Sobre a sua influência duradoura, o Rev. Lacerda observou o seguinte:

Foi o seu exemplo de pastor zeloso e amigo que me deu as primeiras inspirações para o ministério... Respeitava muito as pessoas e, especialmente, as crianças e adolescentes, para os quais tirava o chapéu e se curvava ao encontrá-los na rua. Enfrentava com coragem os problemas por mais graves que fossem e sabia dar sempre orientações sábias. Fora o grande reavivador e evangelista da igreja e cidade de Bragança. Visitei-lhe o campo de trabalho como seminarista, decorridos oito anos de sua morte, e, por lá, ia encontrando marcas indestrutíveis do seu pastorado. Ele realizou, realmente, um trabalho eterno.

Em 1935, nas páginas iniciais de “A História do Natal”, drama religioso composto para seis jovens, Valério menciona vários outros trabalhos publicados, quase todos voltados para a juventude: “O problema educacional da mocidade”, “O esporte na formação da mocidade vital”, “Falando à mocidade” e “O sistema pentecostal”. A serem publicados, constam os seguintes: “Teatrinho evangélico” (livro de monólogos, diálogos e comédias para as festas dos jovens), “Manual dos catecúmenos” e “A música no Brasil”. Em outro lugar, menciona o escrito “Cristo a nossa vida”.

## 6. VIDA ESPIRITUAL

A correspondência do Rev. Valério revela um homem alegre, generoso e amigo. Ele visita conterrâneos em São Paulo, acompanha as enfermidades de amigos, consola no trem uma pessoa que chora, traz laranjas da Bahia para a mãe de Campinas, envia lembranças a um número imenso de pessoas, revela sua preocupação com os outros nas intercessões que faz. Tem também uma veia humorística: muitas de suas cartas contêm divertidas anedotas.<sup>46</sup>

Acima de tudo, porém, era possuidor de uma profunda e rica piedade. Seu ministério e labor evangelístico eram alimentados por uma vibrante vida de comunhão com Deus. No final de sua grande campanha evangelística no Triângulo Mineiro, fez a seguinte oração ao atravessar a ponte do Rio Grande e entrar em São Paulo:

<sup>46</sup> Um exemplo: “Um pastor tinha de fazer um casamento, mas tal a sua pressa, por outros afazeres, que se esqueceu de tomar o nome dos noivos. Na hora de chamar para o casamento, ele se viu atrapalhado porque não se lembrava do nome deles. E, então, foi obrigado a dizer assim do púlpito: ‘Há pessoas aqui que desejam se casar e eu peço que se apresentem’. E qual não foi o seu espanto quando viu chegar ao púlpito *um* homem e *treze* mulheres”. Carta a Alice de Oliveira, 05.02.1934, Arquivo Presbiteriano.

Divino Jesus! Em saindo do Estado de Minas eu te dou graças com toda a gratidão do meu coração por me teres atendido. Perdoa os erros que, no desejo de iluminar o povo desta parte do imenso estado, eu certamente cometi. Que em saindo, agora, deste estado possa deixar após mim um rastro luminoso do “teu” farol; que a “tua” lâmpada acesa em muitas almas não se apague mais! Que a tua luz brilhe de um modo todo especial nas 760 pessoas que se decidiram por “ti”; nas que me pediram orações; naquelas que de joelhos procurei levar aos teus pés santíssimos. Auxilia aos que não tiveram a coragem moral de resolver sua decisão e que a “tua” luz ainda brilhe sobre todos e em todos os que estiveram sob a influência da “tua” palavra. Abençoa, ó Senhor, todo este campo missionário para que as igrejas sejam consolidadas em ti e o batismo de fogo que vi cair sobre elas continue sua influência até a vinda de N. S. e Salvador Jesus. Amém.<sup>47</sup>

Apesar do seu espírito alegre, o jovem pastor enfrentou muitas lutas. Sofreu com uma desilusão amorosa. Chegou a ficar noivo de Rute Ferreira, uma moça de Piracaia, mas o casamento não se concretizou. Escreveu sentida e longa carta à jovem revelando a sua enorme decepção.<sup>48</sup> Outra fonte de preocupação era o fato de que, na Bahia, não se conformavam com a sua permanência no Sul. Também se aflige com a possibilidade de deixar Bragança e ir para outro local. Tudo isso, porém, entregava nas mãos de Deus, em plena confiança.

Em carta a Alice de Oliveira, comentando a enfermidade da mãe desta, observa:

Há em nossa vida dias tristes e alegres, mas o cristão deve transformar suas tristezas em alegria para o Senhor. Deus, o nosso bom Pai, nos diz assim: “Eu fui quem fez isto”, e havemos de nos desesperar? Não, mil vezes não, antes compreendemos “que todas as coisas cooperam juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados pelo seu decreto!”<sup>49</sup>

Escrevendo ao amigo Manoel Moreira, de Salvador, que estava enfermo, ele comenta:

Deus sabe ser uma fonte de esperança e de bênçãos para os crentes fiéis que vão a um leito de dor. Da cama, muita vez, experimentamos isso. O nosso corpo definha, mas o nosso interior se renova de dia para dia. Quando os amigos não nos podem valer, Cristo é tudo para nós outros. Ele sabe as nossas dores (Hino 47) e ele dá uma paz, uma consolação, um refrigério tal que excede a nossa compreensão. Cristo é o maior dos bens, a maior das bênçãos, o achado mais precioso para o nosso coração. Ele nos valerá.<sup>50</sup>

<sup>47</sup> Carta a Abiail Ribeiro, 22.05.1934, Arquivo Presbiteriano.

<sup>48</sup> Carta a Ruth Ferreira, 15.09.1937, Arquivo Presbiteriano.

<sup>49</sup> Carta a Alice de Oliveira, 01.12.1934, Arquivo Presbiteriano.

<sup>50</sup> Carta a Manoel Moreira, 26.05.1936, Arquivo Presbiteriano.

Os que o conheceram atestaram que ele era um homem de oração. Em 1936, concluindo o seu relatório pastoral, afirmou:

Agora, irmãos, se me perguntardes como consegui pastorear o campo de Bragança, eu vos responderei: de joelhos. Aos pés do meu Mestre, buscando luz e poder. Ele foi o meu auxílio e escudo. Guiou-me nesta obra e fortaleceu-me com a sua graça.<sup>51</sup>

Entre seus papéis, foi encontrada uma longa oração, provavelmente do final de 1937, que diz muito sobre suas aspirações, suas lutas e seu profundo desejo de submeter-se em tudo à vontade de Deus. Depois de iniciar com as palavras “Senhor, meu Deus, da sinceridade do meu coração clamo, ouve o meu gemido”, ele suplica pelo seu ministério:

Não me deixes fracassar no pastorado do campo de Bragança; auxilia-me para que eu possa este ano dar 145 profissões de fé, e assim perfazer nesses dois anos o total de duzentas. Dá-me centenas de conversões. Uma atração poderosa para o povo todo. Que as minhas prédicas sejam ouvidas por grandes multidões. Que o culto seja digno de teu nome alegre e vivo. Ajuda-me, Senhor para que o teu Espírito mantenha por meu intermédio todas as congregações alegres, florescentes e satisfeitas com o seu pastor. Que não haja casos feios neste ano que venham toldar as águas da pureza e paz da tua igreja...

A seguir, pede a Deus em favor de si mesmo, pessoalmente:

Dá-me inteligência, boa vontade, uma fortaleza inquebrantável para que eu possa dar tudo o que me for possível para todo o meu campo, este ano. Domina o meu gênio e educa o meu espírito para que eu mantenha sempre Deus no meu púlpito, o espírito de Cristo em minhas conversas particulares e no exercício de cura de almas. Nunca ofenda a quem quer que seja. Mas me caracterize pelo amor, compaixão, espírito de concórdia e bom desejo de servir. Que o meu púlpito seja santo, quente, divinal. Que eu trate sempre dos grandes assuntos da fé, no são desejo de elevar o povo todo. Dá-me método de vida. Fidelidade em tudo. E um amor irresistível às almas perdidas.

Preocupa-se com a escolha do campo de trabalho e a questão do casamento:

Dirige os meus destinos para o futuro ano do meu pastorado. Não tenho nenhuma vontade de ficar nesse campo. Mostra-me onde queres que eu trabalhe. Tu sabes da minha deficiência; [põe-me] onde eu possa ser o mais eficiente possível, Senhor, meu Deus. Ajuda-me na questão do meu casamento, agora, para que eu o realize, se for da tua vontade, até janeiro do próximo ano. Ajuda-me este ano,

---

<sup>51</sup> SILVA, *Relatório pastoral-evangelístico*, p. 36.

neste campo, para que tudo se levante, vá bem, em progresso e paz; tira, porém, as minhas vistas de continuar nesse campo e fascina-me por outro campo onde tu queres que eu trabalhe. Creio que está terminado o trabalho que eu poderia realizar aqui. Ajuda-me para que eu saia bem, alegre com todos, sem dívidas, e vá para um campo onde melhor eu possa desenvolver as minhas atividades. Não me deixes querer ficar aqui contra a tua vontade, ó Senhor, meu Deus. Amém.<sup>52</sup>

Existe na espiritualidade de Valério Silva um elemento de grande intensidade e fervor místico. Numa carta sem data dirigida à mãe de Campinas, ele descreve de maneira emocionada um avivamento ocorrido possivelmente em Bragança. Começa dizendo que “o batismo de fogo dos céus” tem caído sobre a igreja e informa que a saudação usada por todos os crentes é “Maranata”. Nas conferências, pede que os crentes que desejam orar venham para a frente. Toda a igreja vem, ele canta um hino e as pessoas se ajoelham e começam a orar. Descreve as tremendas mudanças na vida espiritual das pessoas: choro de arrependimento, reconciliação com inimigos, restauração de crentes frios ou desviados, decisão de guardar o Dia do Senhor e de fazer o culto doméstico. Conclui dizendo: “Deus tem manifestado o seu soberano poder. Nas visitas, muitos crentes me têm dito chorando que receberam o Espírito Santo, a iluminação do Alto”.<sup>53</sup>

## 7. O ANO DERRADEIRO

Em sua reunião ordinária do início de 1938, o Presbitério de São Paulo decidiu que Valério continuasse em Bragança, o que ele fez com alegria, sem que a igreja soubesse de suas lutas sobre permanecer naquele campo ou não. Porém, em março o concílio teve de se reunir para tratar do caso da igreja de Pinheiros, que enfrentava sérias dificuldades. Desde a sua organização, há 30 anos, a igreja havia tido 15 pastores. O Rev. Miguel Rizzo Júnior propôs que Valério fosse transferido para essa igreja, certamente por entender que ele era talhado para apaziguar a situação.

Valério inicialmente resistiu, mas o Rev. Rizzo lhe mostrou que ele era o único que “no Espírito de Deus poderia harmonizar tudo” e, além disso, São Paulo representava um novo ambiente intelectual que lhe seria benéfico.<sup>54</sup> O jovem ministro finalmente anuiu. Escrevendo de Bragança ao colega Aduino Araújo Dourado, afirmou:

<sup>52</sup> Manuscrito sem data, Arquivo Presbiteriano.

<sup>53</sup> Carta a Alice de Oliveira, Arquivo Presbiteriano. A referência ao “batismo de fogo” faz lembrar a última anotação do Diário de Simonton: “Quem me dera um batismo de fogo que consumisse as minhas escórias; quem me dera um coração totalmente de Cristo”.

<sup>54</sup> Carta a Alice de Oliveira, 12.03.1938, Arquivo Presbiteriano.

O nosso presbitério resolveu entregar-me às Igrejas de Pinheiros, Santos e a Congregação Presbiterial de Parnaíba. Entrarei, pois, com confiança e fé naquele mar agitado. Espero em Deus, em meio das dificuldades, estabelecer a paz e o refrigério, como fizemos no campo de Bragança.

Acrescentou que as igrejas do campo lamentaram a resolução e resolveram enviar protestos. Além disso, os amigos do ex-pastor de Pinheiros estavam se manifestando contra a sua saída. Valério concluiu: “Eis o terreno em que pisamos”. Repetiu que seu hino preferido naquela situação era “As tuas mãos dirigem meu destino”.<sup>55</sup>

Sua designação para Pinheiros efetivou-se em 10 de março. Trocaria de lugar com o Rev. Rodolfo Garcia Nogueira, que foi designado para Bragança. Logo sentiu as dificuldades. Inimigos gratuitos falavam que era impróprio entregar a casa pastoral a um negro. Sofreu calado e se pôs a trabalhar. Em poucos meses reanimou a igreja. Ganhou as crianças. O templo ficava repleto aos domingos.<sup>56</sup> O Rev. Júlio Camargo Nogueira, que o sucedeu no pastorado de Pinheiros, costumava dizer que Valério santificou aquela comunidade.<sup>57</sup>

A seu pedido, em meados do ano o casal amigo de Campinas, Jorge e Alice, veio residir com ele à Rua Cardeal Arcoverde, nº 358. O casamento que ele esperava para janeiro havia se desfeito. Todavia, uma realidade muito mais dolorosa o aguardava. No seu estilo característico, o Rev. Júlio A. Ferreira observou: “Quem pede a Deus para dirigir-lhe o destino deve se armar para as surpresas dos céus”.

No início do segundo semestre, tudo parecia normal. Numa carta do final de julho, disse: “Graças ao Senhor vou bem de saúde e desenvolvendo bem o trabalho evangélico neste setor”.<sup>58</sup> Em 14 de agosto, pregou na igreja de Pinheiros um sermão predileto, “Cristo o maior problema dos séculos”.<sup>59</sup> Em outras duas cartas, de 25 de agosto e 2 de setembro, não se queixa de nenhum problema de saúde.<sup>60</sup> Pouco depois, desabou a tempestade.

<sup>55</sup> DOURADO, Adauto A. “Rev. Valério Silva”. *Idealista* (órgão dos estudantes do Instituto JMC), Ano V, n. 42-43, p. 11s.

<sup>56</sup> FERREIRA, “Biografia de Valério Silva”, p. 20.

<sup>57</sup> LIMA, Eudaldo Silva. *Romeiros do meu caminho*. Brasília, 1981, p. 237.

<sup>58</sup> Carta a Leoni Lima, 29.07.1938, Arquivo Presbiteriano.

<sup>59</sup> O convite impresso diz o seguinte: “Que pensa o senhor de Cristo? Homem? Mito? Deus? Terá o senhor uma convicção satisfatória sobre sua personalidade? V. S. está cordialmente convidado para ouvir o Prof. Valério M. Silva que falará sobre ‘Cristo o maior problema dos séculos’ hoje, às 20 horas, no templo presbiteriano, à R. Fernão Dias, 32. A entrada é franca”. Pasta “Valério Silva”, Arquivo Presbiteriano.

<sup>60</sup> Cartas a Vernardina Acedo, 25.08.1938, e Mário Grisolli, 02.09.1938, Arquivo Presbiteriano. Nesta última carta preservada, afirma: “Graças a Deus tudo aqui vai melhorando cada vez mais”.

Em setembro ou outubro, manifestou-se uma moléstia pertinaz nos rins de Valério (nefrite aguda), que também afetou seriamente o coração. Na época não havia tratamento para o problema. O Dr. Hermas Braga, médico amigo de pastores, veio de Campinas e nada pôde fazer. Apesar da doença, Valério ainda se levantou do leito para dar assistência pastoral em alguns casos especiais. Recebeu a visita de crianças e foi alvo do carinho dos pastores da cidade. A mãe adotiva e a irmã Maria Luíza, que viera da Bahia, desdobravam-se em dar-lhe assistência.

O amigo Aduino Dourado testemunhou:

Desejava trabalhar e a morte prendia-lhe as mãos. Não blasfema, não desespera; longe disso. Domina-lhe o ser outro princípio... “todas as coisas redundam em benefício dos que amam a Deus” (Rm 8.28). E por isso, na angústia do sofrimento com um sorriso de bondade saudava os visitantes. Quem escreve estas linhas guarda na mente um sorriso dele, nos dias da enfermidade, talvez o mais significativo sorriso que já contemplei.<sup>61</sup>

Morreu às 22:05 horas do dia 28 de novembro de 1938, pouco depois de orar longamente em voz alta e recitar o Pai Nosso. De Lages, em Santa Catarina, o Rev. Davi Azevedo, seu ex-auxiliar em Bragança enviou um telegrama convidando-o para uma série de conferências. Recebeu de volta a notícia do seu falecimento.<sup>62</sup> A cerimônia fúnebre no templo foi dirigida pelo Rev. Renato Ribeiro dos Santos, presidente do Presbitério de São Paulo, trazendo a mensagem o Rev. Miguel Rizzo Júnior. No Cemitério do Redentor falaram vários oradores, estando presentes muitos pastores e representantes de igrejas e instituições.<sup>63</sup>

O corpo foi mantido na capela do cemitério até a chegada da mãe do falecido, no dia 30, quando se deu o sepultamento ao meio-dia. Dona Maria do Carmo, muito conhecida em todo o âmbito da IPB, faleceu no início dos anos 50, estando presente na hora derradeira o seu pastor e grande admirador, Rev. Eudaldo Silva Lima.<sup>64</sup> O jovem ministro não foi um profeta sem honra em sua terra. Algum tempo depois de sua morte, na rua que recebeu o seu nome, em Salvador, foi organizada a Igreja Presbiteriana Valério Silva, hoje filiada à Igreja Presbiteriana Unida do Brasil.

<sup>61</sup> DOURADO, “Rev. Valério Silva”, *Idealista*, p. 12.

<sup>62</sup> Carta de David e Jenny Azevedo a Alice de Oliveira, 07.12.1938, Arquivo Presbiteriano.

<sup>63</sup> Sua morte foi noticiada, entre outros, pelos seguintes jornais: *Expositor Cristão*, 06.12.1938, p. 14; *O Puritano*, 10.12.1938, p. 2; 25.12.1938, p. 2; *O Estandarte*, 11.12.1938, p. 3.

<sup>64</sup> LIMA, *Romeiros do meu caminho*, p. 238s. Ver também *Digesto Presbiteriano*, SC-54-165.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida e as ações de Valério Silva levantam uma série de questionamentos. Como um menino pobre, pertencente a um grupo marginalizado, pôde se tornar uma personalidade tão marcante na sua geração, como pregador, evangelista e pastor? Quais foram os fatores que o impeliram nessa direção, quando tantos colegas seus, mais aquinhoados em termos sociais e intelectuais, tiveram carreiras sóbrias, sem maior destaque? O que o levou a ter tanto êxito no seu trabalho como evangelista e avivalista, e a se tornar tão conhecido e requisitado? Quais eram as principais convicções e motivações que estavam por trás dos seus esforços?

O que uma pessoa é e faz depende das influências que recebe e de suas experiências de vida, tudo isso processado e reconfigurado por uma personalidade única. Valério recebeu influências extraordinárias que certamente o moldaram fortemente: a mãe e a irmã piedosas, os missionários americanos e pastores brasileiros com os quais conviveu na infância e juventude e, mais tarde, as duas instituições em que fez os estudos teológicos e os notáveis professores que teve. Também é importante destacar que, vivendo por vários anos em duas cidades de efervescente vida religiosa e intelectual (São Paulo e Campinas), um ambiente muito diferente de sua cidade natal, ele teve oportunidades singulares de aprendizado e enriquecimento pessoal.

No que se refere especificamente a sua principal área de atuação, a pregação e o evangelismo, ele parece ter se inspirado nos grandes evangelistas norte-americanos do século 19, como Charles Finney, Dwight Moody e talvez Billy Sunday, falecido em 1935. Outras influências certamente vieram dos conhecidos pastores das igrejas de São Paulo e Campinas, em especial o Rev. Miguel Rizzo Júnior, que estava iniciando o seu vibrante ministério na Igreja Presbiteriana Unida, na Rua Helvetia.

Isso leva à questão da posição teológica de Valério Silva. Esse pregador foi fruto de uma época em que os presbiterianos brasileiros não davam atenção especial à doutrina reformada. Na prática, a teologia era mais arminiana do que calvinista. A IPB havia recebido até recentemente a influência vigorosa do Rev. Erasmo Braga, falecido em 1932, com seu projeto cooperativo para as igrejas evangélicas do Brasil. Enfrentando grandes dificuldades, principalmente em razão do fortalecimento da Igreja Católica Romana nas primeiras décadas do século 20, as igrejas buscavam se aproximar umas das outras para melhor enfrentarem os desafios da época. O resultado foi uma pequena ênfase nas distinções denominacionais. Era comum os templos presbiterianos ostentarem simplesmente o nome “Igreja Evangélica”. Em 1934, como fruto desses esforços de aproximação, foi criada a Confederação Evangélica do Brasil.

Esse período também testemunhou a influência crescente do pensamento teológico progressista no Brasil. Já estavam ficando distantes no passado os tempos pioneiros do protestantismo nacional, com sua forte ênfase conservadora e, no caso dos presbiterianos, com a velha teologia calvinista de Princeton.

No final dos anos 30, ocorreu na Igreja Presbiteriana Independente a chamada “Questão Doutrinária”, um acalorado debate sobre as penas eternas. Resultaram desse confronto, de um lado, a Igreja Presbiteriana Conservadora, e do outro, a Igreja Cristã de São Paulo, com sua postura liberal.

Foi nesse ambiente de crescente diversidade teológica que Valério Silva realizou o seu breve e frutífero ministério evangelístico e pastoral. Influenciados por pensadores europeus e norte-americanos, alguns pregadores brasileiros davam ênfase a um cristianismo experimental e prático, em detrimento de preocupações doutrinárias. A maior parte dos pastores mantinha as ênfases teológicas tradicionais, mas sem grande ousadia e ímpeto em seus esforços evangelísticos. Valério se colocou entre uns e outros, evitando um evangelho meramente ético, mas também um ministério pacato e rotineiro. Ele possuía a convicção de que Deus o chamava para alcançar um grande número de pessoas para Cristo e para despertar os que já eram crentes para uma vida de maior profundidade espiritual e envolvimento com a causa do evangelho. Graças aos seus talentos naturais, integridade de vida, senso de vocação e, acima de tudo, a direção divina, ele o fez de modo singularmente eficaz.

Foram menos de três anos de ministério pastoral ordenado, quase uma década de vibrante trabalho como evangelista itinerante e cerca de vinte anos de serviço à igreja, desde a fundação da pequena congregação do morro do Abacaxi. O que teria feito Valério Silva se tivesse vivido mais tempo? Não se pode saber com certeza, mas certamente teria dado continuidade a um ministério de grande fecundidade e impacto. Chamado para a eternidade ainda no início de seu pastorado, Deus levantou outros para tomarem o seu lugar. Um conhecido sucessor no ministério de evangelismo e avivamento foi o Rev. Antônio Elias. Depois de mortos, eles ainda falam à geração atual, com seu exemplo, sua coerência, seu zelo pela glória de Deus.

### **ABSTRACT**

This article addresses a unique character in Brazilian Protestantism in the first half to the twentieth century. Black, a paternal orphan, raised in a destitute family in Salvador, Bahia, Valério Silva transcended his circumstances and became a renowned preacher and the greatest evangelist in his generation. The article has an essentially biographical emphasis, endeavoring to reclaim the memory and contributions of this forgotten individual. It deals with the most significant aspects of his career: formative years, preparation for ministry, evangelistic activity, pastoral work, preaching and writings, spiritual life, and the final year. In the conclusion, an analysis is made of the influences he received and of some traits of his personality and legacy.

### **KEYWORDS**

Brazilian Protestantism; Presbyterianism; Bahia State; São Paulo; Evangelization; Revival; Pastoral ministry, Valerio Silva.